

Cabeça

História

Integrada na área de xisto, a freguesia de Cabeça apresenta xistos mosqueados, quartzitos e xistos argilosos, por entre os quais emergem alguns afloramentos de granito com bastante sílica.

O tipo de rochas e a inclinação das vertentes origina um solo bastante ácido e pobre, com poucas condições para a agricultura, praticamente reservada aos socalcos onde se cultiva o milho, tendo por base uma adubação à base de estrume. Grande parte dos terrenos da freguesia são, assim, dedicados à pastorícia e à silvicultura, não obstante o esforço hercúleo que possibilitou a prática da agricultura durante muitas décadas depois da revolução da água.

Não surpreende, pois, que a sua actividade económica assente sobretudo na pastorícia e na agricultura, sendo os seus rebanhos quase sempre integrados com os de Teixeira e Vide. Era com eles que subiam aos pastos de Verão, pelo que pagavam uma renda especial quer a Loriga, quer a Alvoco.

As características climáticas e orográficas potenciam o desenvolvimento de plantas de características mediterrânicas, sendo frequente o sobreiro (*Quercus suber*), a oliveira (*Olea europea*) e o medronheiro (*Arbutos unedo*), tão utilizado para a produção de aguardentes.

Também a cultura da vinha que, a cotas mais elevadas apresenta dificuldades de adaptação, encontra aqui boas condições de cultivo.

Na realidade, a zona do xisto corresponde a um universo com muitas diferenças relativamente à área granítica. O alecrim (*Rosmaninus officinalis*), o rosmaninho (*Lavandula stoechas*), ombreiam com o carvalho cerquinho (*Quercus faginea*) e o azevinho (*Ilex aquifolium*), numa mistura entre plantas de influências atlânticas e mediterrânicas.

Para António Dias, o topónimo da aldeia surge «porque o monte onde assenta o casario é arredondado, essa cabeça heróica, de cabelos verdes, coroada de oliveiras, despenhada no fundo do vale»¹, uma bela versão poética mas, na verdade, não se conhece a origem do baptismo da freguesia. Poderá ter surgido como o feminino de cabeço ou, noutra perspectiva, ter havido algum culto antigo de uma cabeça. Por vezes, a aldeia era nomeada como Cabeça de S. Romão.

Segundo José Pinto, «O primitivo povoamento remonta a épocas pré-romanas. Aparece logo desde o início da Nacionalidade (séculos XI e XII) no termo de Loriga, constituindo com ele um

¹ António Dias, *Vista Bela-Ensaio Monográfico Terras de Seia, Freg. de Cabeça*, 1952.

todo, possuído por D. João Viegas (ou D. João Ranha), depois de confiscado por D. Afonso Henriques aos anteriores donatários, por não se lhe sujeitarem.»²

Cabeça esteve integrada no concelho de Loriga até à sua extinção em 1855, data em que passou para o concelho de Seia. Conhecida como S. Romão da Cabeça ou Cabeça de S. Romão, a capela nela existente tinha S. Romão como orago, sendo assistida religiosamente pelo vigário de Loriga.

Nas memórias Paroquiais de Loriga de 1758, Cabeça surge identificada como um dos lugares da paróquia com a designação de Casal da Cabeça. Era, então, constituída por 16 fogos a que deviam corresponder cerca de 60 pessoas. Só muito tardiamente se constituiu em freguesia, o que sucedeu em 13 de Janeiro de 1800, por Alvará do Príncipe regente, D. João, futuro D. João VI.

Como aconteceu com outras aldeias serranas, durante as guerras liberais (1828-1834), «Cabeça serviu de refúgio aos políticos foragidos dos dois partidos, que se odiavam de morte, e quando se sentiam ameaçados em Loriga. Loriga era, na altura, um baluarte legitimista, ao ponto de nela se ter gerado a Guerrilha da Serra, fruto da política intransigente ali criada por homens fugidos dos meios grandes à alçada da justiça.»³

Em 1911 a freguesia apresentava uma população presente de 408 habitantes, numa demonstração de que fora atingida pelo mesmo êxito demográfico que ocorreu nas outras Aldeias de Montanha. Atingiu o pico em 1931 com o registo de 502 habitantes, tendo vindo a decrescer, sobretudo a partir dos anos setenta, tendo em 2001, 227 habitantes.

Nota-se que António Dias, na sua monografia já citada, escrita em meados do século XX, ganhou um especial apreço pela aldeia de Cabeça e deferência pela tenacidade da sua população que sobrevivia num morro da Serra «onde não ia um carro de bois, por causa dos seus maus caminhos». Comentava «Oh! que mar de dor se ouve aqui!...São cento e vinte e oito fogos que guardam quinhentas e cincoenta almas que à lareira se reúnem, as mulheres para fiarem a teia de linho⁴... e todos para rezarem o Têrço. (...) Raro o Sino da Câmara, de Seia, chamou para a “Audiência Geral” que fôsse para julgar algum Cabecense, porque o crime não tem aqui terreno em que possa frutificar.»

Foi assim que ficou célebre a visita do bispo da Guarda, D. Manuel Vieira de Matos, em 1914, percorrendo trilhos por montes e vales até chegar à aldeia. Este bispo audaz fundaria, mais tarde, o Corpo Nacional de Escutas português, em 1923.

² José Pinto, in www.cabeça.no.sapo.pt. Agradecemos a José Pinto todas as informações que nos transmitiu muito simpaticamente. O seu estudo sobre Cabeça mereceria ser publicado em livro. Todas as citações de sua autoria são do site referido.

³ António Dias, *op. cit.*, p. 23.

⁴ Merece especial referência a realização de todo o ciclo do linho nesta Aldeia de Cabeça. Como escreveu o cabecense José Dias: «Na cabeça antigamente / A ocupação de muita gente / Era o linho trabalhar / A indústria era pequena / Quem a conheceu tem pena / Deste artesanato acabar», in José Dias, *Histórias e Lendas da Minha Aldeia – Cabeça*, Cabeça, 2007, p. 119.

O telefone chegara em 1930, mas só nos anos sessenta a estrada e a electricidade⁵ foram uma realidade para os cabecenses. Antes, no final da década de quarenta, construíram heroicamente a Igreja da Divina Pastora. A edificação deste tempo deve-se ao notável empreendedorismo do Padre António Mendes Cabral Lages, sacerdote com um forte faceta política, foi presidente da Junta de Freguesia de Loriga em 1944, vindo anos mais tarde a ser proibido pelo bispo da Guarda a officiar missa no altar-mor de Loriga, provavelmente porque a sua defesa dos mais carenciados colocava em cheque os poderosos...

É assim que vem para Cabeça onde, rebelde, officia missa aos cabecenses e motiva-os a construir uma nova igreja. Como afirma José Pinto, «O templo foi construído pela força braçal do povo, por iniciativa do Padre António Mendes Cabral Lages, natural de Loriga, que concebeu, inclusivamente, o respectivo projecto. As obras tinham começado no dia 20 de Julho de 1946. Tanto a pedra como os vigamentos de madeira, foram acarretados às costas e à cabeça pela população. A pedra veio do Casal D'Além e as madeiras foram cortadas nos castanheiros do Vidigal. O edifício começou a tomar corpo em 1948. O reconhecimento do povo da Cabeça ao Padre Lages está perpetuado numa lápide fixada no interior do templo, de cujo texto ressaltam as palavras “Bem Haja”.» Foi, realmente, uma realização notável e de grande heroísmo e de grande valentia que levou a que o próprio bispo, D. Domingos da Silva Gonçalves, que tinha desautorizado o Padre Lages, vai presidir à inauguração a 23 de Abril de 1950, significativamente dia de S. Jorge, patrono do exército português e símbolo do guerreiro solar que se supera e vence o Dragão das trevas.

É também significativo que o templo tenha sido dedicado a Divina Pastora, alusão à milenar actividade da pastorícia, também fulcral nesta Aldeia de Montanha.

«Até finais da década de 1960, a pastorícia de ovelhas e cabras constituía um indispensável meio de subsistência, na freguesia de Cabeça. O leite sustentava, especialmente, as crianças. O requeijão e o queijo serviam de conduto, na alimentação de toda a família. Nos dias de festa, abatia-se uma rês. Dos currais do gado, retirava-se o estrume para fertilizar as courelas. De vez em quando, vendiam-se uns queijos e umas cabeças de gado, para realizar algum dinheiro.

A pastorícia gozava, então, de um estatuto económico quase sacralizado, ao ponto de, em 1950, se ter construído na aldeia uma Igreja Nova, no centro da povoação, dedicada a Nossa Senhora Divina Pastora. **Era uma “divindade” para proteger as pessoas e abençoar o gado!** Foi o período áureo da pastorícia, podendo afirmar-se, com alguma propriedade, que a freguesia de Cabeça era, nessa altura, uma terra de pastores e rebanhos.

⁵ Cinquenta anos depois da electricidade ter chegado a Seia e Loriga.

Ao pôr-do-sol, ressoava na aldeia o chocalhar de centenas de ovelhas e cabras que desciam das Colmeias, pelo caminho dos Poisos Amarelos, rumo à povoação. Vinham dos planaltos da Malhada das Vacas e da Gesteira. Ecoava, também, o som dos rebanhos que desciam da “outra banda”, do Outeiro da Ponte. De igual forma, os que vinham do Penedo Furado e os que apareciam do lado da Senhora de Nazaré. Era uma orquestra de chocalhos, barrondos, guizos, campainhas e balidos do gado! De vez em quando, um “fiu-fiu” sibilante dos pastores. Havia turbilhões de fumo rasante, tal era o pó que o gado levantava, a correr, com pressa de chegar à corte!»⁶

Em 1955, foi registada a existência de 1261 cabeças de gado (931 ovelhas e 330 cabras) na freguesia. No ano de 1978, já só havia 214 (112 ovelhas e 102 cabras). Em parte, este decréscimo deu-se por causa da florestação, como aconteceu na generalidade das Aldeias de Montanha, e também devido à campanha de vacinação contra a brucelose. Alberto Martinho escrevia nos inícios dos anos oitenta:

«(...) foram colocados “anéis” de floresta com pinhos à volta de Alvoco da Serra, Loriga, Folgosinho, Videmonte, Sameiro. A repressão foi tão violenta, que , logo que cortassem um simples ramo de pinho, eram punidos com multas violentíssimas.

Houve até um caso em Alvoco da Serra em que um pastor, foi multado em 700\$00 pelo facto do gado ter entrado “na floresta”. Este caso deveu-se ao facto de o vento ter aberto a porta do curral onde se encontravam as cabeças de gado. Enquanto o pastor andava a procurar as ovelhas deixou cair o chapéu no terreno florestado. Por esse facto também foi multado.

Só recentemente (depois do 25 de Abril de 1974) é que foi permitido o pascigo do gado “na floresta”. Os pastores mais velhos, alguns dos quais com a mágoa no rosto, informaram-nos que tiveram que vender as cabras por causa da “floresta”. Aliás é uma das principais justificações que dão para o decréscimo das ovelhas e cabras.»⁷

Outro fenómeno comum às Aldeias de Montanha são as sucessivas vagas de emigração a partir do século XIX. José Pinto expõe a sua reflexão:

«Cabeça é uma aldeia do interior profundo, implantada nos contrafortes do maciço central da Serra da Estrela, desprovida de transportes públicos, indústria e serviços. Ali se praticou, desde sempre, uma agricultura artesanal duríssima, de mera subsistência. Alguns proventos eram obtidos da pastorícia e resinagem de pinheiros. Tinha algum significado a produção de mel

⁶ José Pinto, www.cabeça.no.sapo.pt, sublinhado nosso.

⁷ Alberto Trindade Martinho, *O Pastoreio e o Queijo da Serra* (2.ª edição), PNSE, 1981, pp. 31-33.

e azeite, bem como a fabricação de linho. O problema é que ali, “não havia quem desse um tostão a ganhar!...”⁸, como se dizia. A emigração foi o caminho.

Apenas na década de 1960, a florestação dos baldios da Cabeça, empreendida pelo Estado, viria a criar algum emprego, de natureza precária, para os homens. Nos anos 70, as fábricas de lanifícios “Fisel” e “Fercol”, em Seia, e “Moura Cabral” em Loriga, trouxeram, finalmente, emprego para as mulheres e para os homens desta freguesia, proporcionando algum desafogo às famílias. Todavia, parte do salário era absorvida pelos transportes.

Na década de 1990, com o declínio da indústria têxtil no concelho de Seia, volta a surgir o espectro do desemprego. Entretanto, as relações sociais vividas no ambiente laboral tinham criado nas pessoas uma nova mentalidade, despertando-as para a realidade do mundo contemporâneo. Tinham adquirido valores de auto-estima e padrões de vida que urgia manter e preservar. Emigrar, foi, para muitos, a solução.(...)

Em resultado da emigração para os países da Europa Ocidental, nasceu em Cabeça um novo bairro, sobranceiro ao recinto de Nossa Senhora de Nazaré. Aquele aglomerado de casas é, hoje, conhecido pelo nome “Bairro dos Emigrantes”.»

Mas, muito antes, no século XIX, a emigração para o norte do Brasil foi importante e deu origem à edificação da Capela dedicada a N^a Sr.^a da Nazaré.

«A devoção à Virgem de Nazaré foi trazida, para a Cabeça, por um grupo de emigrantes desta freguesia, residentes em Belém do Pará (Brasil), nos finais do século XIX, década de 1890. Eram pessoas com raízes profundas nos valores cristãos que levaram da sua terra. Naquela cidade venerava-se a Senhora de Nazaré desde 1793. As festas religiosas, em sua honra, eram, tal como ainda hoje, as maiores do Brasil e constituíam uma enorme manifestação de fé do povo brasileiro. Todos aqueles emigrantes da Cabeça, sendo fervorosos devotos, participavam activamente nos festejos da comunidade local. Um dia, decidiram promover a construção duma capela na sua terra natal, em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, comprometendo-se a contribuir para o seu financiamento. Entretanto, em 30 de Dezembro de 1894, tomava posse como Presidente da Junta da freguesia de Cabeça o Rev. Emídio José Freire de Figueiredo, com apenas 21 anos de idade. Cedo se revelou um homem de rija têmpera, muito culto e dinâmico. O Padre Emídio aceitou a proposta dos emigrantes e, porque era um homem de grandes desafios, lançou mãos, não só à construção da Capela da Senhora de Nazaré, no Bairro do Outeiro, mas também à edificação de uma Casa de Residência Paroquial, no centro da povoação. No ano de 1899, a Capela ficou pronta.»⁹

⁸ Tudo era comercializado por troca, à maneira medieval.

⁹ José Pinto, *op. cit.*

Já no último quartel do século XX, «sofreu obras de restauro e foi-lhe acrescentado um alpendre, para missa campal, em 1978 (...). Desde então, o recinto beneficiou de obras de alargamento. Procedeu-se, também, à construção de um coreto, bar, fontanário, sanitários públicos, mobiliário urbano e outras infraestruturas.»¹⁰

Mais recentemente, Cabeça ganhou notoriedade mediática por ter eleito, em 1997, a mais jovem lista de Junta de Freguesia, em que os sete integrantes efectivos tinham a idade entre os 18 e os 20 anos. Em 2007, tornou-se a primeira freguesia do país a proporcionar aos seus cidadãos o acesso gratuito à Internet por *wireless* de banda larga. E no ano de 2011 «recebeu o título de 1ª Aldeia Led de Portugal, por ter sido a primeira no país a substituir toda a iluminação pública do aglomerado urbano por luminárias LED, passando a libertar menos CO2 para a atmosfera, com uma poupança de energia na ordem dos 70%, e produzindo menos materiais recicláveis.»¹¹

Gente forte, dinâmica e inovadora que vale a pena conhecer.

Tradições e lendas

Os Cavaleiros das Esporas de Ouro

Não existem dados seguros relativos à fundação de Cabeça. A tradição refere que os primeiros povoadores eram originários de Casas-Figueiras, lugar da freguesia de Vide. Ter-se-ão fixado «junto à Ponte do Porto e construíram a “Casa da Ponte”, ainda hoje existente ao fundo da encosta do Casal D'Além. Era um sítio recôndito, de vegetação frondosa, com água por perto, propício a um refúgio natural seguro. Foram desbravando terras, construíram muros de suporte e fizeram levadas para rega das leiras cultivadas. O local referido faz parte integrante da denominada “zona histórica” do Casal D'Além, a parte mais rústica da povoação.»¹²

Por seu lado, António Dias, refere a lenda da fundação de Cabeça por três cavaleiros das Esporas de Ouro:

«Os Cavaleiros das Esporas de Ouro, foram, diz-se, os que fundaram a Cabeça. Eram três homens estranhos, parece que de alta gerarquia que, perseguidos, tinham a cabeça a preço. Vindos detrás da serra, perderam-se entre brenhas e com as sua riquezas e adornos, cavaram à

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ *Ibidem.*

¹² *Ibidem.*

beira de água a sua casa, camuflaram-na de oliveiras e aqui só o céu os via, tão ínvios eram os caminhos.

Viviam como Eremitas. A tristeza alongava-lhes os dias. Tinham deixado a sua terra e como deveriam recordar o sol da planície, o horizonte vasto das alturas!

As feras rondavam-lhe a casa a todas as horas da noite. E de dia, quando as neves cobriam as alturas, ficavam-se a olhar numa melancolia de dor. Um, em cada dia, tinha por obrigação percorrer as veredas, em reconhecimento e raro lobrigavam viva alma!

Assim andaram durante muito tempo, em demanda do amor, até que um dia se puderam aproximar duma povoação, disfarçados de pastores e porque ali eram formosas as mulheres, tão belas como as estrelas que viam nos céus, quando alta noite, tudo era silêncio, cada um raptou uma donzela. Cavalgaram para o seu refúgio onde as encheram de riquezas e de beijos.

E à volta da casa, da qual ainda hoje existem vestígios, outras mais se ergueram. Foram procurar escravos que desbravaram os terrenos que criaram os rebanhos e fundaram então a Cabeça, que ainda tem casas não superiores às das idades.»¹³

Reitera-se a tradição das aldeias recônditas da Serra da Estrela como lugares de refúgio.

Estes cavaleiros das Esporas Douradas são muito cantados em lendas transmontanas, ligados à tradição de Alfândega da Fé habitam o imaginário de muitos lugares, como é o caso de Algozinho, onde nos foi narrada a relação da sua bela igreja românico com estes cavaleiros. Disse Viterbo, no *Elucidário*, «não só em pinturas se tem visto, mas ainda dentro de sepulturas se tem achado, esporas douradas e que sem dúvida faziam a distinção destes cavaleiros» que, segundo a tradição zelavam pela segurança das populações cristãs no período da reconquista.

A Senhora da Nazaré

A Senhora da Nazaré tem em Portugal uma forte tradição mítica associada ao milagre que salvou o valido de D Afonso Henriques, D. Fuas Roupinho, a não se despenhar no promontório da Nazaré.

Essa devoção chegou ao Brasil, adquiriu um prestígio místico notável que veio a inspirar os emigrantes de Cabeça a edificar a capela, no final do século XIX. A partir daí, como testemunha José Pinto, têm-lhe sido atribuídos «atribuídos inúmeros milagres. Merece especial destaque o facto de terem regressado com vida todos os militares da Cabeça que participaram na Guerra Colonial, sendo uma das poucas freguesias de Portugal em que tal aconteceu. É uma graça

¹³ António Dias, *op. cit.*, pp. 6-7.

atribuída à poderosa intercessão da Senhora de Nazaré junto de Deus, perante as orações cheias de fé, que lhe foram dirigidas.»

Tesouros

Por entre os montes e vales onde emerge a cabeça granítica numa floresta de xisto, não poderiam faltar os misteriosos tesouros. Diz-se até que o Seixo da Ferradura indicava um tesouro que veio a ser encontrado no lugar do Seixo da Mina, onde haviam barras de cristal lapidadas.

Artesanato

Parece haver na Cabeça uma especial vocação para as habilidades do artesanato. Com efeito, neste campo distinguiu-se João Marques de Ascensão, conhecido como João do Monte.

«Na oficina da sua garagem, dedicava-se à construção de belíssimas peças artesanais de madeira, com destaque para as miniaturas religiosas. Trabalhando a madeira, produzia candeeiros de parede, estatuetas da justiça, pastores, igrejas, altares, relógios, balanças, etc. Com o decorrer do tempo, acumulou uma grande colecção. Depois de muito incentivado pelos amigos, acabou por acatar os repetidos convites da Associação de Artesãos da Serra da Estrela, participando em variadíssimas exposições, nomeadamente na FIAGRIS¹⁴.(...)

Após o falecimento, a Junta de Freguesia de Cabeça adquiriu todo o espólio das suas peças de artesanato, salvaguardando este simbólico património e mantendo-o exposto em local público da povoação.»

Actualmente, a D. Luísa ????? elabora manualmente e com muita criatividade umas bonecas de trapo muito sugestivas.

Balancé da Cabeça

Criado muito recentemente, começando por cantar as Janeiras a 1 de Janeiro de 2011, este grupo de cantares constituído por dezasseis integrantes, o *Balancé da Cabeça* «pretende balancear (movimentar) a freguesia de Cabeça na vertente cultural, divulgando as tradições e os

¹⁴ José Pinto, op. cit.

cantares do seu povo»¹⁵. O seu traje tem um simbolismo muito preciso: «Os homens usam chapéu preto, simbolizando as tradições. As mulheres vestem blusa branca, numa alusão à neve, às águas do degelo que correm na nossa ribeira e à água potável que jorra dos fontanários públicos da aldeia. Homens e mulheres usam uma fita azul ao pescoço durante as actuações, numa homenagem ao ambiente despoluído desta terra, ao céu azul, bem azulão!»¹⁶

Bola leveda da Cabeça

Ao nível da gastronomia, recordando a revolução do milho, esta Aldeia de Montanha tem um projecto de promover a sua *Bola Leveda da Cabeça*, uma broa com cebola e carne gorda.

Quadros da vida dos cabecenses no século XX

Na sua obra poética, publicada em 2007¹⁷, José Dias retrata amiúde o estilo de vida comunitário que deu identidade à Aldeia, ainda vivo há poucas décadas. Citamos alguns destes seus versos.

Quantas vezes com o gado
Vinha a neve por azar
O pastor sem agasalho
Era um frio de rachar

Quando o tempo estava bom
Tocavam flauta à brava
Cantavam alto e bom som
Quadras à desgarrada.

Na terra uma cova abriam
Redonda como uma arena
A curra como eles diziam
Onde jogavam a chena. (...)

¹⁵ <http://balancedacabeca.blogspot.pt/p/apresentacao.html> .

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Op. cit.*

Ao recordar a mocidade
E os bons momentos que nela vivi
Revivo agora com saudade
A alegria que tantas vezes senti.

Não havia electricidade
Nem rádio nem televisão
No meu tempo a mocidade
Tinha outra diversão

Na minha aldeia à noitinha
Juntava-se a mocidade
À luz da lua tão branquinha
Lembro-me das guitarradas com saudade.

Quantas vezes já de madrugada
Lá iam as guitarras na rua
Baixinho cantava-se a desgarrada
No silêncio da noite à luz da lua.

O Carnaval era muito divertido
Brincava-se até ficar cansado
Os velinhos pelos anos consumidos
Contemplando-nos reviviam o seu passado.

Não faltavam os foliões
Com os rostos mascarados
Alegravam os corações
Com os trajes enfeitados.

Na Quaresma o pandemónio
Acabava num instantinho
Na escada de Santo António
Jogava-se o anelzinho

Como era lindo depois da ceia
Nas noites frias e calmas

Os rapazes da minha aldeia
Faziam a amenta das almas¹⁸.

Sábado Santo à noite
Todos com muita fé
Cantava-se a ladainha
Até à Senhora da Nazaré

À noite antes da ceia
Todos apostos na rua
Pelas ruas da minha aldeia
Cantávamos aleluia

Na Páscoa era uma alegria
Ouvia-se a aleluia pelos caminhos
As crianças numa euforia
Pediam as bênçãos aos padrinhos. (...)

Trabalhar a terra era o que fazia
Um povo que não teve outra sorte
A agricultura era o seu dia-a-dia
O milho foi sempre o seu forte.

De manhã ao levantar
Oferecíamos ao Senhor todo o seu dia
Preparavam a enxada para trabalhar
A terra dura e o suor escorria

Meio-dia, o almoço a chegar
A mulher estendia o pano, punha a mesa
Dizia em voz alta. Venham almoçar!
Que já são horas com certeza.

Sentavam-se para almoçar
Era comum feijoada com toucinho

¹⁸ Ainda hoje os cabecenses realizam a Amenta das Almas na Quaresma.

Não faltava para completar
A broa com chouriço e o bom vinho.

No fim havia uma oração
Uma hora de descanso, voltava a labuta
Com a enxada faziam o raspão
Revolvendo com ela a terra bruta.

Eram assim as antigas lavouras
No Verão com os amanhos era um sarilho
Mas quando as espigas estavam louras
Cantavam a desfolhada do milho.

O milho depois de escarolado
Ia ao sol aquecer
Depois de seco era levado
Ao moinho para moer.

Ainda hoje há açudes na ribeira
A levada para a água era o caminho
No fim desta há uma caleira
Com queda de água, que faz rodar o moinho.

A água no rodízio, sempre a bater
Na mó a taramela, a taramelar sozinha
Lá ia puxando o grão para moer
A mó cantando ia fazendo a farinha.

O moinhos eram comunitários
Toda a gente deles se servia
Agora na ribeira solitária
Jamais se ouve a sua melodia. (...)

Casas velhinhas
Ruas estreitinhas
A gente a passar
Nas tuas calçadas

Entoavam guitarras
À noite ao luar.

As crianças na escola
Com as suas sacolas
Eram às dezenas
Era uma escola em festa
Agora o que resta
É o edifício apenas.

Os jovens brincavam
Em grupos se juntavam
Ao domingo à tardinha
Rapazes e donzelas
No largo da capela
Jogavam a panelinha

Também os velhinhos
Aos mais pequeninos
Contavam histórias
As crianças atentas
Ouviam lendas
Das suas memórias.

Nos campos a tua gente
Alegre e contente
Era o itinerário
Toda a gente rezava
Quando o sino tocava
Lá no campanário. (...)»

Como o tempo não volta para trás, são versos que desafiam as novas gerações e renovarem a profunda ligação do Homem à Natureza e o sentido comunitário de convívio e fraternidade sem, está claro, se perder os privilégios da ciência e da tecnologia, mas também sem dela ficar escravo e tornar-se uma *ilha solitária*.

Lugares a visitar

Chegando a Cabeça vale a pena perder-se pelos seus caminhos, desfrutar da sua intimidade serrana, sempre emoldurada pelos largos horizontes. A ocidente, mira-se o mítico pico do Colcurinho, a oriente, o cimo da garganta de Loriga, denominada «gola» pelos cabecenses.

Esta pitoresca aldeia de xisto tem um *quid* especial. Não devemos perder as típicas *alminhas* de xisto, do século XX, nem os recantos¹⁹ do mágico morro, cujo cimo é granítico. Uma ilha de altura, granítico, no meio do território xistoso. Chamam-nos as alturas maiores, assim como o profundo vale da ribeira da Cabeça²⁰.

Comecemos por descer ao vale.

Aí, na zona das courelas, pela paisagem dos socalcos, iniciamos a descida pelas escadinhas do Reboleiro, chegamos ao caminho da Quebra-Costa que nos levará ao sítio dos moscos, poucas dezenas de metros antes de chegar à ponte da Amália, onde podemos sentir toda a magia das águas límpidas da ribeira que aqui faz um poço, o **Poço da Ponte**, quer dizer, uma fantástica piscina natural.

Vale a pena estar um pouco fora do tempo e sentir toda a intimidade mística do lugar.

A poucos metros podemos apreciar um **centenário sobreiro** (*quercus suber L.*) no lugar **do Outeiro da Ponte**.

Aos mais aventureiros, são propostos dois desafios. A leste, uma caminhada até ao **poço da broca de Serapitel**, na direcção de Loriga. A ocidente, poderemos ir percorrendo as bordas da ribeira até chegar ao fascinante lugar de Casal do Rei.

Mas para quem deseja as alturas, vale a pena, através do Guardião da Aldeia, ir ao encontro dos **Seixos da Ferradura e da Mina** não esquecendo o **Penedo Furado**, de onde se vislumbra uma magnífica paisagem estrelina.

«Penedo Furado é o nome dum pequeno planalto sobranceiro à povoação de Cabeça. É bem conhecido dos pastores. Tem mato rasteiro à base de urze e cervum. Do lado nascente, é interrompido bruscamente por esta varanda de rochedos. Uma espécie de promontório! Por ali abaixo, é uma ravina! A povoação de Cabeça fica ali mesmo, aos nossos pés, rodeada por courelas coladas à ribeira. É de sustar a respiração.

Diz-se que, antigamente, por motivos de segurança, era um ponto de vigia estratégico. O Penedo Furado é servido por caminho público. Fica a dois passos da povoação! Daqui se avista um grandioso vale, um gigantesco horizonte que só acaba na “gola” da Serra da Estrela formada

¹⁹ Num desses recantos encontra-se a casa onde nasceu Almeida Santos, ex-presidente da Assembleia da República.

²⁰ Como aqui se denomina a ribeira de Loriga.

pela Penha dos Abutres e pela Penha do Gato. Conseguimos enxergar, no sopé da serra, a Vila de Loriga!»²¹

Nas proximidades encontra-se o enigmático rochedo da «**Cova do Mouro**», que valeria a pena estudar, assim como limpar o caminho até este belo miradouro.

Outro lugar muito misterioso, habitado por «mouros», no cimo de um monte, é a **Montanha da Cerca**, onde provavelmente se localizou um castro senão um templo de montanha ao ar livre, circundado por um círculo de pedras. Consideramos muito importante o estudo criterioso deste lugar mágico. José Dias Poetizou:

«Montanha da cerca encantada
A ti ficou ligada
A lenda de há muitos anos
Tens vestígios de uma muralha
Talvez campo de batalha No tempo dos Lusitanos

Da portela até ao topo
Houve um caminho remoto
Pelos cavalos trilhado
Há marcas cravadas nas rochas
Talvez das rodas das carroças
Dos nossos antepassados. (...)»²²

Continuando a escutar as cativantes histórias do guia cabecense, poderemos percorrer muitos outros caminhos pelas paisagens culturais e naturais da Cabeça. Seguiremos pela impressionante **levada comunitária** de oito kms, passaremos pela **Ponte do Porto** e contemplaremos a inesquecível cascata do **Pontão das Forçadas**, entre muitos outros lugares desta fascinante aldeia de montanha.

Voltando ao centro da Aldeia, ao viandante é proposta a visita às suas duas igrejas, a de **São Romão**, mais antiga, e à matriz, da **Divina Pastora**. As duas capelas são também especiais, a da **Nazaré**, já referida, e a de **St.º António** que, aqui, aparece como um protector do gado.

²¹ José Pinto, <http://aldeiadaminhavidablogspot.pt/2010/09/miradouro-no-penedo-furado.html> .

²² *Op. cit.*, pp. 11-13.

Saindo de Cabeça, pela Portela do Arão, e seguindo em direcção a Vide, és-nos dado a apreciar maravilhosas paisagens estrelinas, dessas alturas, olhando para os montes em baixo, descortinamos alpendurada num monte, uma linda aldeia: é Cabeça.